

Yao Feng

Pseudónimo de Yao Jingming, nascido em Pequim, 1958. Doutorou-se em Literatura Comparada pela Universidade Fudan, em Shangai. Actualmente, é Professor Auxiliar no Departamento de Português da Universidade de Macau. Além de ter traduzido para o chinês dezenas de poetas portugueses, já publicou cinco obras de poesia, em chinês e em português: *Nas asas do vento cego* (1990), *Confluência* (1997), *Viagem por momentos* (1999), *A noite deita-se comigo* (2001) e *Canção para longe* (2006). Recebeu vários prémios e coordena a revista *Poesia Sino-Occidental*. Em 2006, recebeu a insígnia da Ordem Militar de Santiago de Espada, atribuída pelo Estado português.



Yao Feng,
pseudónimo de **Yao Jingming,**
em Macau em 2006

Três poemas de Yao Feng

Amsterdã

Quando cheguei de carro a Amsterdã
já era meia-noite.

A reputada cidade do sexo
tornava ambíguas as luzes da rua.
Até o rosto do dono da pensão
insinuava prazer.

Mas nada me aconteceu.

O amanhecer refletia-se no rio
e o céu, muito nublado. No Museu Van Gogh,
os girassóis quebravam os raios de sol
para ficar irmanados num vaso.
Na noite distorcida, a terra de trigo,
grávida de luar,
ondulava enlouquecida.

Do auto-retrato do pintor sombrio
retirei uma orelha, de verdade,
e voltei para a rua: todos estavam com
seus órgãos intactos e saudáveis.

Fim

Talvez no inverno
me tenhas oferecido uma pedra,
acesa, tão acesa que a guardava
ora na mão esquerda, ora na outra.

Viraram-se os dias como páginas,
e a pedra, pouco a pouco, congelando.
O que as minhas mãos juntaram
acabou por ser apenas sombra.

O lobo e as ovelhas

As ovelhas não correram
quando o lobo chegou
apenas pararam de comer a relva
para se perfilar em parelhas
como algodão semeado

Canícula!

“Que diabo de tempo!”

– uivou o lobo,

E as ovelhas despiram
seus casacos de pele

À sombra da realidade

Yao Feng

A poesia contemporânea chinesa de que falamos em *Um barco remenda o mar* é escrita em forma livre e chinês veicular, sendo habitualmente designada Nova Poesia, precisamente para distingui-la da Poesia Clássica Chinesa, que culminou por volta da dinastia Tang (618-907) e deixou de ser uma forma dominante desde o início do século passado, devido à revolução social, ideológica e cultural na China, bem como ao difícil trato de suas regras rigorosas, acessíveis apenas a uma elite letrada.

A “nova poesia” teve origem no chamado Movimento Literário de 4 de Maio, que surgiu na década de 1920, com o objectivo de romper com uma tradição cultural estática e decadente por meio da reformulação da língua chinesa. Nesse período marcado pela desconstrução e pela inovação, apareceram figuras importantes para o panorama literário de então, tais como Hu Shi [胡适], Guo Moruo [郭沫若], Li Jinfa [李金發], Dai Wangshu [戴望舒], Xu Zhimo [徐志摩] e Wen Yiduo [聞一多], responsáveis pela inauguração da “nova poesia”, que viera confirmar sua posição na literatura chinesa.

A “nova poesia” eliminou as regras de prosódia adoptadas pela poesia clássica, tais como a estrutura harmoniosa e a rima obrigatória, bem como o paralelismo, e recorreu ao verso livre, de modo a ganhar muita liberdade na expressão. Apesar de numerosos letrados continuarem a escrever na forma tradicional, a “poesia nova” passou a ser a corrente principal e, à luz dessa forma, há poetas que marcaram sua poesia com as tendências literárias ocidentais, especialmente a simbolista.

Depois da implantação da República Popular da China em 1949, a poesia – como outras modalidades literárias – chegou, talvez, a ficar prejudicada durante prolongado período, especialmente durante a Grande Revolução Cultural, que foi de 1966 a 1976. A poesia, privada da liberdade de expressão, passou a ser um instrumento da máquina política, ao passo que os poetas se limitavam a pintar a máscara da realidade com palavras falsas, conforme o mecanismo básico predominado pelos chamados realismo e romantismo revolucionários, que puseram completamente em causa os

princípios estéticos da poética. Os poetas tinham de fechar a porta a seu mundo subjectivo e sentimental, sem possibilidades de alcançar a singularidade expressiva.

Ao fim da Grande Revolução Cultural, movimento mais de natureza política e que trouxe consequências desastrosas para a China em todos os aspectos, um grupo de jovens poetas criou *Hoje* [今天], uma revista ilegal que circulava clandestinamente e provocou um eco significativo na poesia chinesa. Designado Hoje e reunindo nomes como Mang Ke [芒克], Bei Dao [北島], Yang Lian [楊煉], Jiang He [江河], Duo Duo [多多] etc., o grupo desafiava o mecanismo determinado pela ideologia ortodoxa, pretendendo recuperar a aventura orientada pelos poetas das décadas de 1920 e 1930, revelando a profunda consciência de instalar uma expressividade distinta e inovadora, alimentada pela tradição da poesia ocidental. Nesse enquadramento estético, e com a coragem de intervir socialmente, sua poesia tornou-se uma novidade que acordou o leitor, mas, por outro lado, foi alvo de críticas dos conservadores por ser incompreensível, uma vez que as imagens e metáforas permitiam mais do que uma interpretação ou referência. Na realidade, a múltipla sugestão e o indeterminável constituem um hábito hermenêutico do leitor, uma parte integral e indispensável da poética. Contudo, para aqueles que se habituaram à única e directa manifestação literária, a poesia desse tipo é considerada demasiado *menlong* [朦朧], termo que significa místico, ambíguo ou obscuro. No entanto, esse incidente não se desenvolveu meramente no nível estético, mas também foi impregnado desde o início pelo espírito rebelde contra a violência e a opressão do poder político em relação ao homem. Um pouco de heroísmo individual, a reflexão histórica, a crítica ou ironia da realidade – bem como a preocupação com o destino do país – marcaram as temáticas desses poetas, cujos nomes constituem referências determinantes para a poesia contemporânea chinesa, não só pela tentativa de introdução das novas tendências poéticas como também pela ousadia de assumir o papel de interventores na fase de mudanças sociais.

O ano de 1989 foi um ponto decisivo para o grupo Hoje, cuja maioria dos membros foi obrigada a abandonar o país devido às graves circunstâncias sociais, facto que anunciou o fim desse movimento poético. Longe da pátria, apesar de muitos deles continuarem a escrever em língua materna, já deixaram de ecoar como antes no horizonte desta terra, onde se erguiam novas vozes. Com efeito, é justificável mencionar Hai Zi [海子], o “menino do mar”, que se esforçou por legitimar a poesia num reino

mais sagrado e mais sublimado, por meio de um lirismo firme e genuíno, de um processo de cristalização não só da linguagem como do sangue. Deixou uma herança admirável aos poetas posteriores depois de se suicidar aos 33 anos, com o intuito de se livrar do conflito entre o sonho inatingível e a realidade desgraçada. Paralelamente, existem outros autores, como Yu Jian [于堅], Xi Chuan [西川], Han Dong [韓東], Ouyang Jianghe [歐陽江河], Wang Jiabin [王家新], Yi Sha [伊沙], que procuram, cada um a seu modo, a expressão singular, de maneira a traçar um mapa diversificado da poesia. Houve entre eles discussões aceras sobre uma série de questões relacionadas à poética – por exemplo, a escrita intelectual, a escrita em linguagem coloquial, a assimilação da poesia estrangeira etc.

A partir dos anos 1980, a China vem conhecendo mudanças dramáticas que conduzem uma sociedade fechada e altamente politizada a um mundo mais aberto. Por um lado, as pessoas gozam de mais liberdades na expressão de seu gosto, sentimento, tendência ou imaginação; por outro, o sistema de mercado, a perda da crença, o comando do materialismo levam-nas a se afastar cada vez mais da poesia. Se a poesia *menlong* explodiu, em sua época, como uma força espiritual, ditando a voz sufocada do povo, deve-se reconhecer que, desde os anos 1990, os poetas já deixaram de desempenhar o mesmo papel na vida social. No entanto, a poesia não morreu nem vai morrer. Os poetas continuam a brotar como bambus da terra, porque ainda lhes cabe a tarefa da fusão e do espelhamento dos mundos exterior e interior pela acumulação verbal.

Por um lado, os poetas chineses são cúmplices de outros poetas do mundo, veiculando igualmente o visto e o sentido por meio da exploração de sílabas apagadas e, por outro, são homens profundamente integrados na sociedade, onde raramente conseguem fugir à sombra da realidade. Daí é natural compreender que a poesia contemporânea chinesa não suporta a leveza de uma proposta meramente estética, carregando quase sempre, porém, o interesse ou a tendência ora moral, ora política.

No entanto, não se deve delimitar uma fronteira distinta entre um poeta brasileiro e um poeta chinês, visto que todos os poetas acabam por falar do mesmo mundo dentro dos mundos. Tal como os fragmentos aqui reunidos também poderão compor um pequeno mosaico da alma humana por meio de um olhar distante.

7-8 de abril de 2007